

CONCLUSÕES

Em decorrência de políticas públicas de industrialização do país e de substituição de importações, contando com privilegiados esforços governamentais, através de renúncias fiscais, a despeito dos desperdícios e malversação dos recursos públicos nos projetos de implantação, o reflorestamento com espécies exóticas tem acompanhado o extraordinário crescimento do complexo florestal.

Apesar do restrito peso da silvicultura no desempenho da agricultura paulista, quer seja em termos de área ocupada, de renda ou de empregos gerados, as explorações de florestas homogêneas de espécies exóticas são exemplos mais modernos da agricultura em São Paulo, pelo seu nível tecnológico, por assentar-se em relações de emprego assalariado e por sua total integração ao complexo florestal. Essas duas considerações - o papel fundamental do Estado em incentivar essa atividade agrícola e a modernidade alcançada - levaram-nos a procurar caracterizar a silvicultura paulista nas últimas décadas.

As análises foram embasadas em tabulações especiais do IBGE, sendo necessária a transcrição das informações ao nível de estabelecimento agropecuário, com silvicultura como principal

atividade econômica, uma vez que as publicações dos Censos Agropecuários não possibilitaram maiores detalhes sobre a atividade. Dadas as dificuldades em se estimar a capacidade de geração de emprego na atividade, uma visão mais atual e detalhada dos coeficientes técnicos e das condições do emprego nas florestas verticalizadas foi obtida através de entrevistas nas principais empresas do complexo florestal.

A hipótese de que o direcionamento tecnológico induzido pelas políticas públicas conduziu à homogeneização na forma de condução dos reflorestamentos foi testada e os resultados demonstraram redução na heterogeneidade, com relação a especialização na atividade, escala, investimentos e mecanização, entre os estabelecimentos com silvicultura no estado de São Paulo. Na verdade, houve uma redução da heterogeneidade inicial, o que não significa uma uniformização geral no uso de técnicas produtivas, já que detectou-se aumento da heterogeneidade em dez das principais microrregiões abrangendo quase metade da área florestal.

Ao nível do estado, constatou-se redução das disparidades dos principais indicadores da condução da atividade exceto para o número de pés de eucalipto por área e para contratação de mão-de-obra através de empreitada. A menor homogeneidade com relação a esses indicadores é decorrência normal do próprio tempo de implantação das florestas e da forma como foi apropriada a política de incentivos fiscais ao reflorestamento, redundando, após quase 20 anos, na coexistência de povoamentos abandonados com outros já

explorados em 1 ou 2 cortes, outros em várias fases de reforma.

Apesar da redução no número dos estabelecimentos que contrataram mão-de-obra através de empreitada aumentou o número de volantes empregados, causando maior assimetria com relação ao percentual de mão-de-obra empreitada.

Persistiram ainda diferenciações entre os estabelecimentos dadas pelas diversidades com relação à finalidade e à propriedade dos estabelecimentos. A inclusão de áreas das diversas esferas governamentais com propósitos não comerciais, além da presença de grandes áreas praticamente desativadas à espera de reformas e de pequenas unidades fornecedoras de madeira para lenha, sem conotação de exploração racional, explicam a ampla dispersão dos indicadores da forma de condução da atividade.

Por outro lado, a aquisição de antigas áreas florestais pelas indústrias e as modificações nas florestas verticalizadas foram construindo maiores contrastes, conforme as reformas eram programadas pelas empresas e coligadas.

De forma geral, todas as microrregiões, com exceção da Grande São Paulo, avançaram na modernização, seja no uso de máquinas e outros insumos e/ou no gerenciamento e administração dos recursos humanos.

Em 1985, as áreas mais dinâmicas da silvicultura foram Serra de Botucatu, destacada pelo volume de recursos destinados às florestas acrescido de relativamente maior intensidade de uso da terra e da mão-de-obra; Araraquara, pela intensidade de uso da mão-de-obra e Campos de Itapétininga pelo maior volume de recursos

empregados em reflorestamento no estado de São Paulo. A maior especialização/ e ou modernização dessas três microrregiões são derivadas da localização de importantes povoamentos florestais pertencentes a indústrias de chapas e de celulose e papel.

Com o aumento tanto da demanda interna e internacional, consolidados os setores exportadores de celulose e de chapas duras, competitivos em qualidade e custo, os avanços continuaram na busca de maior eficiência , com expansão das áreas de propriedade das sociedades anônimas , que vão se diferenciando a princípio, com a difusão de técnicas e reformas de povoamentos conforme a posição mais ou menos inovadora de cada empresa, mas que devem ser assumidas por todas.

Em função de a condução das florestas verticalizadas ser uma atividade de conglomerados industriais, alguns com múltiplas áreas de atuação, o empreendimento florestal empresarial apresentou uma estrutura administrativa com ampla divisão de trabalho . Isto fez com que as inovações adotadas não se restringissem aos aspectos especificamente silviculturais, na busca de maior produtividade das variedades, mas também aos de caráter organizacional, administrativo.

As mudanças nas relações de trabalho podem ser verificadas no confronto dos dados de 1975 e 1985, onde verificou-se que, em 1985, oito microrregiões ocupavam posições relativamente superiores tanto com relação à intensidade de exploração da mão-de-obra - entendida não só como a proporção da área trabalhada por pessoa ocupada como pela relação "capital/. trabalho, como ainda pela forma

de gestão da empresa - e à intensidade de exploração da terra. Mais seis microrregiões possuíam maior intensidade de exploração da mão-de-obra e apenas sete estavam relativamente pior posicionadas com relação à intensidade de exploração da mão-de-obra e desenvolvido mais intensivamente a exploração da terra.

Em 1985, a tendência apresentada no período foi a mesma observada para a agricultura : aumento no emprego, na participação de trabalhadores contratados através de empreitada e de parceiros. No entanto, em função da elevada participação de estabelecimentos com mais de um proprietário, a silvicultura distinguiu-se da agropecuária paulista em geral pela maior contratação de empregados (84% contra os 59,5% da agropecuária total). Foi constatada baixa utilização de mão-de-obra feminina e de menores de 14 anos, que deve estar subestimada, por englobar apenas a mão-de-obra contratada pelo proprietário, não incluindo as empreitadas por tarefa. Observou-se seu maior emprego nas regiões que se destacam pela especialização na atividade, mas ainda retardatárias na intensidade de exploração da mão-de-obra.

Da mesma forma que em outros setores mais dinâmicos da agricultura, nas florestas verticalizadas a especialização em tarefa que requeira algum tipo de habilidade, seja a de tratorista, mecânico, motosserrista ou operador de grandes máquinas, possibilitou maior poder de negociação salarial, melhores condições de contrato de trabalho para o trabalhador qualificado. Em contrapartida, a persistência de operações agrícolas ainda não totalmente mecanizadas, não necessitando de qualificação para sua

realização, pode explicar a maior heterogeneidade entre as remunerações dos diversos tipos de trabalhador rural .

É o que foi constatado nas empresas reflorestadoras que se referiram à existência de uma política salarial para seus assalariados convivendo , em períodos de maior necessidade , com a utilização de serviços de empreitada e pagamento por tarefa executada por terceiros, nas quais encontram-se braçais recebendo menos do que o piso salarial. Com a tecnificação da agricultura, a tendência é de, além do aumento do desemprego, reforçar-se a exclusão, de ampliação das diferenças entre os trabalhadores, fato constatado nas informações sobre a renda percebida pelos trabalhadores da silvicultura.

A decisão de ampliar o quadro próprio da empresa decorreu da reduzida oferta de mão-de-obra rural frente ao árduo trabalho de corte e transporte das árvores nos reflorestamentos, embora ainda persistisse a aquisição de madeira em pé de outros, onde o corte e o transporte são realizados por terceiros, que contratam braçais por serviço.

Essa tendência reverte-se nos anos 90, com a redução dos - cargos nas empresas e o retorno à compra de serviços de terceiros.

Na década de 80, o grau de competitividade internacional apresentado pelo complexo florestal refletia os benefícios recebidos das políticas públicas, incentivos fiscais e financiamento industrial subsidiado pelo BNDES.

No início dos anos 90, a situação não é mais tão confortável , em função das seguidas quedas do preço internacional da celulose

conjugadas às restrições de subsídios derivadas da crise financeira do setor público. Passa-se então a uma nova etapa de reorganização produtiva, com a grande empresa tentando reduzir custos. Acompanhando o modelo dos países avançados, as grandes corporações buscam concentrar-se na sua vocação, no desenvolvimento de sua atividade fim.

Com a tendência de flexibilização dos custos das empresas verifica-se a redução de contratos de trabalho por tempo indeterminado e a "terceirização" evolui rapidamente. A indústria de celulose e papel Riocell, do Rio Grande do Sul, foi a pioneira no uso da "terceirização" já na segunda metade dos anos 80. Os altos custos da administração de trabalhadores rurais e dos encargos trabalhistas alavancaram o processo de "terceirização" da extração florestal. A empresa passou a contratar serviços de extração de madeira de ex-funcionários qualificados. Setores como vigilância, alimentação e transportes e administrativo foram entregues a fornecedores externos, envolvendo a criação de mais de 200 empresas.

Gradualmente, na área florestal das demais empresas, o transporte, a colheita e a implantação passam a ser realizados por terceiros. Com a "terceirização" surgem mais pequenas empresas especializadas em diversas etapas do processo produtivo: classificação de solo, de operação "mata-formiga", de viveiros de mudas. Em algumas empresas a concentração de esforços no verdadeiro negócio, que é a produção de celulose, leva a "terceirização" até mesmo a áreas consideradas estratégicas como o planejamento e

inclusive envolvendo a pesquisa científica , na área de orientação genética e venda de tecnologia.

No geral, as empresas terceirizadas possuem diferenças marcantes comparadas às existentes no início da implantação dos reflorestamentos: há maior especialização do trabalho, com dirigentes qualificados, além de maior observância de normas de segurança e respeito à legislação trabalhista. No novo conceito, as empresas possuem maior controle sobre as prestadoras de serviço. A Riocell, por exemplo, firma um contrato de apenas seis meses, rompido caso não sejam observadas as exigências de qualidade e de gestão .

O argumento favorável é o de que há maior geração de emprego com as pequenas e médias prestadoras de serviços do que com a fatalmente esperada mecanização da atividade pela grande empresa.

Não se pode afirmar, ainda, no entanto, que os ganhos obtidos nas negociações dos trabalhadores florestais com as grandes organizações empresariais continuem.

A política salarial empregada pelo complexo florestal leva em conta o grande controle da produção pelos trabalhadores. O planejamento estratégico, ao elaborar um cronograma de colocação de determinado volume de madeira no pátio da fábrica em horários pré-estabelecidos, adequados ao funcionamento da unidade fabril, reforça a importância da manutenção das operações e portanto dos trabalhadores do complexo para seu funcionamento.

Juntamente com a necessidade de redução dos custos das empresas exportadoras, a recessão interna e o desemprego

possibilitaram o repasse da condução de boa parte da atividade para terceiros. A produção continua planejada e programada pela organização do complexo, porém com menores custos pela oferta mais competitiva das pequenas empresas de serviço. Na Riocell, o custo de cada hectare plantado passou de US\$1.500 em 1985 para US\$1.000, em 1992.⁴⁶

A "terceirização" torna efetiva a redução de custos à medida que o tempo de trabalho pago tende a se aproximar do tempo de trabalho utilizado produtivamente. Ainda mais, para a empresa compradora de serviços, os ganhos não são apenas pela redução de custos diretos mas também pela redução dos encargos sociais dos salários.

A contratação de serviços leva à maior rapidez na amortização dos custos fixos. Como exemplo, a operação de extração de madeira com onerosos equipamentos, anteriormente realizada em apenas um turno, passou a ser realizada em dois turnos.

Nesse sentido, o contrato por serviço prestado quebra com duas importantes conquistas: a relativa estabilidade nos contratos de trabalho e a jornada de trabalho pré-estabelecida. Ao contrário da regulamentação da jornada máxima de trabalho que proporcionou a ampliação do emprego, a "terceirização" visa a redução do gigantismo, o que pode significar perda de postos de trabalho.

Além disso, fragiliza-se o poder de barganha do proletário rural, não estando garantida a manutenção dos níveis e da política salarial ao trabalhador, que passa da condição de funcionário de um

⁴⁶ Revista Exame, 24 (16): 56-61, agosto 1992.

complexo florestal no qual existe uma preocupação com a imagem pública e, portanto, com a manutenção de relações trabalhistas modernas, para trabalhador de pequenas empresas prestadoras de serviços.

O enfraquecimento do assalariado rural é reforçado ainda pelo decréscimo das pessoas ocupadas na agricultura, na segunda metade dos anos 80, conjugado ao quadro geral de crescente desregulamentação das relações de trabalho vivenciado nos anos 90.

Confirma-se, mais uma vez, que as transformações nas relações de trabalho e a determinação do modelo de desenvolvimento da agricultura são resultantes de uma complexa inter-relação entre a oferta e o controle da mão-de-obra, o desenvolvimento tecnológico, o grau de organização dos trabalhadores, o quadro de relações sociais pré-existente, o grau de concentração da indústria compradora, a organização das firmas dentro dessa indústria e, inclusive, da inserção do produto final no mercado internacional.

Finalmente, considerando as diversas peculiaridades dos reflorestamentos vinculados à indústria, isto é:

1) o planejamento das atividades nas áreas de reflorestamento industrial, de forma a se obter produção diária de madeira;

2) a quase inexistência de sazonalidade no emprego de mão-de-obra, com a coexistência das várias fases no mesmo reflorestamento e período de trabalho estendido para o ano todo;

3) a variabilidade encontrada no volume de madeira por área decorrente da elevação no rendimento das mudas melhoradas, empregadas nas reformas dos talhões, nos últimos anos;

4) as opções aventadas de redução do ciclo de produção, com reforma antecipada de talhões após o 1º ou 2º corte;

sugere-se que em estimativas de geração de emprego a atividade de reflorestamento seja subdividida em várias alternativas, contemplando três tipos de rotação, uma vez que os diferentes processos de trabalho possuem diferentes absorções de mão-de-obra.

A importância do reflorestamento industrial na geração de emprego agrícola situa-se exatamente nessa característica de atividade permanente, uma vez que, em termos de capacidade de absorção de mão-de-obra, a atividade só supera a soja e o trigo.